

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO
22 e 28 de Novembro de 2022

GOD’S COUNTRY / 1985

um filme de Louis Malle

Realização: Louis Malle / Fotografia: Charlie Clifton (1985), Louis Malle / Montagem: James Bruce / Som: Keith Rouse / Interpretação: Louis Malle (narrador, voz, etc.), Lowell Barnum, Arnold Beneke, Millie Beneke, Rev. Donald Chapman, Clayton Hoese, David Hoese, Gale Hoese, Grace Litzau, Bev Mackenthun, Jim Mackenthun, Rod Peddycoart, Robert Mark Schwanke, Tammy Jean Schwanke, Brian Thalmann, Randall Thalmann.

Produção: Public Broadcasting Service (PBS) / Produtor: Vincent Malle / Cópia: em 35mm (original em 16mm), cor, falada em inglês e francês (voz off), legendada electronicamente em português / Duração: 89 minutos / Estreia comercial: 27 de Novembro de 1985, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

“Na indústria dos Estados Unidos, a ficção, é demasiado dura”, afirmou Louis Malle. Afirmção que em parte explica a origem de **God’s Country**, documentário assumidamente mais leve que os filmes que o rodeiam em termos de produção, que Malle realizou no intervalo entre várias ficções, e em que o cineasta literalmente toma a câmara nas suas mãos. Trata-se de uma encomenda do canal estatal PBS que, conhecendo o seu trabalho documental sobre a Índia, lhe propôs a realização de um filme no quadro do projecto “Phantom America”. Uma série que, como o próprio nome indicia, visava dar visibilidade a uma América fantasma, a “América profunda”, longe das grandes cidades, e raramente representada no cinema. A proposta inicial a Malle visava que realizasse um documentário sobre os centros comerciais americanos, fenómeno com origem no Minnesota e ainda relativamente recente, mas que acabou por abortar devido a divergências com os donos dos próprios centros comerciais associadas à sua habitual música de fundo.

Embora desconhecido para muitos, dada a sua simplicidade e modéstia de propósitos, **God’s Country** é na realidade um dos grandes filmes da “fase americana de Malle”, apelando inevitavelmente a um olhar mais aprofundado sobre a produção documental do cineasta, a vertente mais desconhecida da sua obra, revelando-se, no nosso caso, uma descoberta surpreendente. Como escreveu S. Daney no *Libération* em 1986, apontando para o carácter mais independente do filme, “começa como deve começar todo o filme verdadeiramente ‘independente’: Uma estrada americana, uma voz, uma pequena cidade (5000 habitantes) que parecemos ir ultrapassar e depois não o fazemos (...) vemos uma velha senhora no meio do seu jardim florido, abordamo-la e ela responde, perguntamos o

nome da povoação (Glencoe) e ficamos aí durante três semanas para registar ‘apenas’ as respostas dos seus habitantes às questões mais banais.”

O enfoque de Daney na banalidade do cenário e das questões levantadas por Malle apenas faz sobressair o que de pouco banal tem o filme que, tendo sido filmado maioritariamente em 1979, ao longo das ditas três semanas, só seria acabado seis anos depois, em 1985, depois de uma interrupção ditada por falta de dinheiro para realizar a respectiva montagem, e pela rodagem de **Atlantic City**, ficção em que encontramos ecos da “realidade” de **God’s Country**. Mais tarde, quando Malle retomou o filme, ao invés de se ficar pelas imagens e sons registados em 1979, optou por filmar a profunda transformação que se deu na pequena comunidade do Estado do Minnesota em virtude da crise económica associada à desvalorização acentuada dos preços da produção agrícola, em pleno segundo mandato de Ronald Reagan, o que constitui como um apêndice e o epílogo de **God’s Country**.

Na senda de Jean Rouch e do seu cinema directo, Malle olha para a pequena comunidade de Glencoe como um antropólogo, ocupando-se das perguntas e da câmara. O olhar do cineasta debruça-se sobre os seus habitantes, mas sem ironia ou complacência, o que poderia ser expectável, tendo em conta a profunda divisão de convicções que adivinhamos entre entrevistador (que se mostra fisicamente na “fase final” do filme) e a maior parte dos entrevistados, pois depressa percebemos que se trata de uma comunidade fechada, extremamente religiosa e avessa à diferença, sendo que só tarde no filme é aflorada a questão do racismo, que intuímos em muitos momentos.

Malle retrata uma comunidade de trabalhadores rurais de origem alemã, cujos antepassados ocuparam a terra dos índios nativos, derivando o retrato compósito de Glencoe do retrato de cada um dos seus habitantes: a velha senhora que cuida do seu jardim florido, o muito jovem casal de agricultores que adora a vida no campo, o tratador de vacas que trabalha com inseminação artificial, o padre, o polícia, o advogado, as jogadoras da equipa de baseball, mas também a jovem “rebelde”, cujo termo é usado pelo próprio Malle.

Malle não julga os entrevistados, que discorrem sobre o seu presente e aspirações, mas a realidade suplanta-o sempre pela sua riqueza e complexidade e a entrevista a Jean, a “rebelde”, que percebemos que acabou por ter de deixar a região, é um dos momentos mais fortes deste retrato compósito de um lugar sem grande espaço para a diferença. Uma pequena localidade que em 1985 que enfrentava momentos menos bons, em que não havia nenhum cinema, mas existiam nove igrejas, e onde vivia uma pequena comunidade rural, como tantas outras. Eis a ironia do título de **God’s Country**.

Joana Ascensão